

PROJETO DE EXTENSÃO EM SEXUALIDADE HUMANA NA EDUCAÇÃO

Walfrido Nunes de Menezes
walfridomenezes@yahoo.com.br
(Orientador)
Carla Vanessa Santos de Queiroz
Julianne Oliveira Gomes
Aise Anne Souza Menezes Iemma
Faculdade Estácio do Recife - PE

Resumo: O presente trabalho – um relato de experiência -, sobre a sexualidade e a questão da gravidez adolescente, tem como objetivo resgatar e favorecer, o processo de crescimento do sujeito adolescente, em seu contexto sociocultural, possibilitando uma nova leitura e re-leitura dos preconceitos, tabus e dogmas etc. A partir de uma ótica biopsicossocial, política, afetiva, ideológica, cultural e educacional, contemplada pela tríade autonomia, autoestima e afetividade O presente trabalho, teve e tem como metodologia a dinâmica de grupo, a observação, o grupo focal e o sociodrama. O projeto de extensão envolve um grupo de jovens moradores da comunidade do Prado e adjacências; mães da comunidade e os participantes do Projeto Cidadania e o Recriar, que funcionam desde 2005.

Palavras-chave: Extensão sexualidade; educação sexual; gravidez na adolescência

INTRODUÇÃO

O Projeto de Extensão em Sexualidade Humana, realizado na Faculdade Estácio do Recife – é o resultado do trabalho e compromisso social da psicologia, em atuação junto às classes populares, que buscam informações sobre educação sexual, sendo desenvolvido desde 2005. Contempla tanto os participantes do Recriar, que são crianças com idade igual ou superior a 11 anos; quanto os participantes do Agente de Cidadania, que são os adolescentes e adultos. Tanto o Recriar como o Agente de Cidadania são projetos sociais coordenados por docentes da Faculdade Estácio do Recife.

O Projeto de Extensão em Sexualidade Humana tem como objetivo viabilizar uma ação em torno da educação sexual, de forma dinâmica e participativa, possibilitando os participantes serem protagonistas de suas questões. Dessa maneira os mesmos passaram a interagir nas atividades falando sobre o cotidiano que envolve a questão da sexualidade.

A tentativa do projeto é a de ampliar a visão da função da educação sexual, mostrando que esta é capaz de promover uma reflexão sobre o amor, relacionamentos



afetivos, condutas diante das diversidades sexuais, aborto, violência sexual, papéis de gênero e a gravidez na adolescência não planejada e não desejada, entre outros; desmistificando a crença de que a educação sexual tem como papel exclusivo a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez não planejada, procurando promover debates sobre temas da sexualidade humana.

Os instrumentos utilizados, como via de discussão, são os vídeos didáticos, slides, dinâmicas de grupo, sociodrama e simples esclarecimentos de dúvidas no campo da sexualidade. Importante ressaltar que todos os debates e esclarecimentos de dúvidas têm embasamento teórico, adquirido através das capacitações contínuas que os monitores recebem do seu orientador.

Portanto, o presente trabalho voltou-se para a juventude. Para tanto é preciso entender que a juventude é uma fase que implica profundas transformações que vão do físico ao psicológico, estruturando-se e recebendo influência do e no social. Ela resulta em conflitos, diante da busca de identidade pessoal, social, sexual e de gênero.

Partindo do pressuposto que esta fase vem impregnada de dúvidas e idéias preconcebidas, nós elaboramos um projeto formativo e informativo em uma ótica educacional, que visa o esclarecimento das questões concernentes à sexualidade humana e saúde reprodutiva.

Sexualidade é a essência da vida humana, envolvendo o conjunto de características biológicas, psicológicas e socioculturais que nos permitem compreender o mundo e vivê-lo através do nosso corpo e em torno do prazer saudável e harmonioso com a vida, enquanto mulher e homem.

Do ponto de vista psicossocial, ampliam-se os sentimentos e as emoções a partir das novas relações sociais que se travam entre os adolescentes e os grupos de amigos. O flerte, o desejo, o namoro, aumentam, saindo do auto-erotismo – relação consigo - para o heteroerotismo – relação com o outro. @s adolescentes fogem das relações parentais e egocêntricas, buscando uma abertura maior em relação ao grupo, pela busca de sua identidade enquanto cidadão.

Sexo seria a base biológica, propriamente dita, isto é, o corpo como características anatômicas e fisiológicas que nos diferenciam enquanto feminino – vulva e aparelho reprodutor – e o masculino – pênis e aparelho reprodutor.

Portanto, entendemos a leitura da sexualidade numa visão bio-psicossociocultural em um contexto político, ideológica e educacional contemplada pela

tríade: autonomia, auto-estima e afetividade para a formação da identidade de gênero que possibilita ao indivíduo equilíbrio, conhecimento e consciência de si para saber lidar com seus desejos e chegar ao passo fundamental para o encontro e conhecimento do outro.

Portanto, o trabalho em sexualidade humana, numa ótica educacional, passa por uma fusão com o todo e precisa da reflexão do “Eu” indivíduo para se chegar à relação “Eu-Tu”, ou seja, o estabelecimento das relações humanas.

O presente trabalho explicita as atividades desempenhadas, objetivos pré-estabelecidos, assim como as principais dificuldades enfrentadas ao longo da execução do mesmo. Sua realização está longe de ser uma simples atividade, uma vez que abordar a temática da sexualidade pode mobilizar certas resistências, por ser um assunto pouco difundido no cotidiano dos indivíduos, tendo em vista a escassez de informações e formações que estas pessoas possuem.

SAÚDE SEXUAL SAÚDE REPRODUTIVA

O programa proposto para o projeto de extensão, dentre outros, compreende as seguintes etapas: a História da Sexualidade Através dos Tempos; Corpo Reprodutivo; Amar, Namorar e Ficar; Ser Homem e Ser Mulher; Gravidez na Adolescência: Estudo de Caso etc.

As atividades desenvolvidas buscavam viabilizar uma ação em torno da educação sexual, de forma dinâmica e participativa; promover uma ação por parte dos participantes como protagonistas de suas questões, fazendo com que eles interagissem uns com os outros, falando sobre o cotidiano que envolve a questão da sexualidade.

A partir de uma abordagem sistematizada, aliada a troca de informações que facilitem aos educando vivenciarem com mais consciência e autonomia a sua própria sexualidade (formação), o trabalho de Educação Sexual deve apontar para que a escola assuma sua função educadora, suplantando os falsos conceitos e a falsa moral, com ações simples, honestas e coerentes com a vida social, afetiva, cultural, política e educacional.

Para tanto, faz-se necessário o enfoque tanto biológico, quanto psicológico, social, cultural, político, ideológico e educacional, viabilizando no ser humano a paixão,

o afeto, o desejo, a vontade, o amor e o prazer, para que a mulher e o homem sejam sujeitos construtores dos seus valores, idéias, ternura e afeto.

A adolescência é uma fase da vida que implica profundas transformações que vão do físico – de ordem biológica na puberdade, com o aumento na produção dos hormônios sexuais – ao psicológico, estruturando-se e recebendo influência do e no social. Ela resulta em conflitos, diante da busca de identidade pessoal, social, sexual e de gênero. Do ponto de vista psicossocial, ampliam-se os sentimentos e as emoções. O flerte, o desejo, o namoro aumenta, saindo do auto-erotismo para o heteroerotismo como reflexo da pulsão sexual; as e os adolescentes fogem das relações parentais e egocêntricas, procurando uma abertura maior em relação ao grupo, pela busca de sua identidade.

Nessa fase, tudo muda não se é mais como se era na infância. Aparecem muitas dúvidas na adolescência. O indivíduo torna-se adulto, embora o grupo ache “*que ainda é criança*”. Surge, assim, uma ambivalência entre o ser criança, se divertir e o ser adulto, assumir compromissos.

Diante desses aspectos, a adolescência caracteriza-se por apresentar comportamentos diferenciados tais como: atitudes de inquietação, impulsividade, submissão, insegurança, introversão e/ou extroversão, porém frutos das transformações biopsicossociais, pelos quais se passa.

Assim, não se pode mais pensar na adolescência como um fase de irresponsabilidade e imaturidade, de condutas turbulentas e dispersivas, pois a “adolescência é mais do que uma etapa estabilizadora. É um caminho no contexto da realidade humana” (KNOBEL, 1988, p.04). Tal processo é caracterizado por etapas chamadas pelo autor de Síndrome da Adolescência Normal, constituída por três aspectos:

A mudança do corpo infantil está ligada às transformações biológicas na puberdade; ela se desenvolve de maneira incontrolável e provoca uma ansiedade até a reformulação da imagem corporal – mental – e do não ser mais criança, o que é estabelecido pela aceitação do novo corpo.

Outro ponto que caracteriza os/as adolescentes é a sua relação com os pais – a perda da identidade infantil. Enquanto na infância esses são idealizados como super-heróis, na adolescência são alvos de críticas. Essa nova visão provoca n@s adolescentes estados que misturam agressividade, culpa, avanços e regressões, liberdade e submissão, segurança e insegurança.

A perda da identidade e o enfraquecimento do papel sociofamiliar geram no grupo de pares a busca de novas perspectivas de formar uma identidade própria, a partir da identidade familiar e da identificação com o grupo – identidade coletiva.

De acordo com a posição de Tap (apud SANTOS, 1998, pp.152 - 3)

o sujeito constrói seu lugar e assume suas posições na sociedade através da apropriação da cultura e das instituições sociais mediadas pelo outro. A identidade, portanto, forma-se no jogo das relações sociais na medida em que o sujeito se apropria das regras, valores, normas e formas de pensar de sua cultura. (...) Portanto, articula a noção de identidade social e pessoal, considerando que elas se justapõem.

Nesse sentido, a participação da família é fundamental para a organização do indivíduo, em termos de construção do processo de estruturação da identidade, através da tríade: autonomia, auto-estima e afetividade.

Portanto, diante de tais mudanças – embora essenciais ao desenvolvimento humano –, a passagem citada acima, isto é, do auto-erotismo para o heteroerotismo, promove variações significativas na vida dos/das jovens, tais como: maior maturidade, passagem para o mundo adulto, maior socialização, bem como, o flerte, o ficar, o namoro etc.

Todas essas mudanças implicam, agora também, em uma sexualidade mais voltada para o/a outro(a), o que promove uma ampliação do processo de socialização, como também conflitos nas escolhas e direção a serem seguidas na vida.

Assim, surge dentre outros a Gravidez na Adolescência que, no Brasil, é uma questão bastante ampla e de pouco estudo, tanto na teoria como na prática. A questão da gravidez adolescente foi inclusive a preocupação inicial que teve o grupo do Projeto Recrear, do curso de Psicologia e o de Agentes de Cidadania do curso de Direito da Faculdade Estácio do Recife, para a vivência do referido projeto junto a pré-adolescentes, jovens e adultos – a juventude - da comunidade do Prado e adjacências.

Voltando a questão, em relação à gravidez se encontram poucas publicações (livros) e alguns textos em revistas, temas para seminários e via Internet, mas sempre com o olhar do adulto ou do médico-científico e sem focalizar a questão da exclusão e o olhar da juventude.

A área médica que lida diretamente com esse setor – a ginecologia – apresentam mais estudos sobre a gravidez da mulher adulta do que sobre a gravidez das jovens, embora existam hoje algumas instituições hospitalares em Recife, como o Instituto

Materno-Infantil – IMIP, o Hospital Agamenon Magalhães, o Otávio de Freitas e a Maternidade da Encruzilhada, além de algumas Organizações não governamentais e os Programas de Saúde da Família, que através de uma equipe multidisciplinar, vêm desenvolvendo um trabalho com adolescentes no acompanhamento à gravidez. Na maioria dos casos são ações desenvolvidas com as adolescentes já grávidas.

A gravidez na adolescência tem preocupado vários países do mundo, incluindo o Brasil, face ao crescimento no processo de fecundidade junto a este público, que a cada ano que se passa ainda tende a piorar com a diminuição da idade – entre 10 e 14 anos – da primeira gestação.

Portanto, visando o resgate da cidadania é o que nos leva a propor o segundo ponto para a realização do referido projeto de extensão, isto é, promover também junto ao Grupo de Cidadania, ligado ao curso de Direito da Instituição, a capacitação de seu grupo de jovens e adultos.

Porém, o foco de atenção deste grupo de extensão não é o número de adolescentes grávidas, mas sim a preocupação com uma situação que as afasta as mesmas da escola, de um trabalho melhor etc., ampliando assim o processo de exclusão social.

Tais fatos, apontados acima, nos levou a desenvolver – o terceiro ponto: o curso de extensão, junto a um grupo de mães da comunidade do Prado, na Escola Pública estadual.

Por outro lado, paralela a essa questão, ainda existe o caso do aborto, que temos que focalizar frente ao índice elevado no país. No que se referem ao Brasil, os dados são conflitantes e opostos, se analisarem as condições de vida da mãe e do pai e a classe social da qual fazem parte.

Já a mortalidade infantil e a neonatal ficam evidenciadas. São questões ligadas aos aspectos físicos, pois algumas adolescentes, com capacidade de reproduzir, ainda não estão prontas organicamente para a reprodução. Wong e Melo (1987) relacionam a mortalidade infantil e materna, embora seja geralmente aceita a idéia de que possam ser minimizadas com o acompanhamento pré-natal. Nesse caso, não se trata de um grande problema – pelo menos nesse sentido -, visto que hoje o campo médico é bastante evoluído nessa área, o que permite ser resolvido com o acompanhamento médico do pré-natal em encontros durante a gestação como aponta o Ministério da Saúde.

Porém, não se pode deixar de chamar a atenção de que sem um pré-natal surgem problemas que poderiam ser solucionados pelo acompanhamento médico sistemático, visto que “o acompanhamento resulta numa gravidez como outra qualquer e que a incidência de bebês prematuros e com baixo peso é quase idêntica à da população adulta” (ROCHA, 1998, p. 41).

Por outro lado, as implicações emocionais são marcantes, visto que os/as adolescentes ainda não elaboraram suficientemente seus afetos – devido às características do seu desenvolvimento psicológico anterior aos 12 anos passarem por uma ação bastante egocêntrica como nos mostra Freud em seus estudos “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade Humana” (Obras Completas – tomo II). Ficam os/as mesmos(as), em sua maioria, perplexos(as), assustados(as) e angustiados(as) diante dessas situações prematuras e, quase sempre indesejada para o presente momento de vida em que os/as jovens se encontram..

Dessa maneira, termina por ocorrer um processo de exclusão simbólica (psicossocial), uma vez que a garota é privada da adolescência em termos de estudos, diversão, lazer e namoro. A mesma fica presa ao filho, como apontou a pesquisa de Menezes (2002):

Não pode ir para a rua"... "Não pode ir para festas, dançar, brincar"... "Não tem hora para comer, grávida tem hora para tudo"... "Deixei de fazer muita coisa: passear, andar, ir para praia"... "O corpo muda, geralmente engorda muito"... "Você perde o trabalho que tinha (grupo focal).

Os(as) adolescentes ainda estruturam sua identidade enquanto sujeito, portanto essa ruptura entre o mundo adolescente e a entrada precoce no mundo adulto termina por provocar uma desestruturação psicossocial que irá influenciar suas atitudes, visto que os/as mesmos(as) ainda apresentam relações instáveis.

Além dessas questões, não se pode deixar de apontar que um dos maiores problemas da gravidez na adolescência ainda gira em torno da baixa ou inexistente escolarização. Se não vejamos, evidencia-se que 54% de adolescentes sem escolaridade já ficaram grávidas, o que reforça a ligação entre o nível de escolaridade e a gravidez, visto que implica um setor de conhecimento que é a fonte de desenvolvimento do ser humano. Por outro lado, apenas 6,4% das adolescentes com 9 anos ou mais de escolaridade já têm o primeiro filho, ficam ou estão grávidas do mesmo.

No caso do Brasil, país de analfabetos e de história de fracassos e altas evasões, os aspectos ligados à gravidez na adolescência só tendem a se acentuar. Também segundo pesquisa desenvolvida em Caruaru, doze das adolescentes não concluíram o Ensino Fundamental de 1ª a 4ª série, e sete de 5ª a 8ª série. E apenas uma chegou a 2ª série do Ensino Médio (MENEZES, 2002).

Portanto, mesmo com a introdução em algumas escolas – não em sua maioria –, da educação sexual, infelizmente, em geral essa fica ligada aos aspectos biológicos: doenças, fisiologia do corpo, métodos contraceptivos etc.

E, diante de tal quadro – precarização do conhecimento -, é muito fácil a jovem não pensar em contraceptivos, escola e/ou trabalho, entregando-se ao discurso machista da função materna, que uma vez internalizado passa a fazer parte de seu cotidiano.

A maternidade como processo natural do feminino ocorre diante da capacidade de procriar da mulher; "a reprodução biológica dá um fundamento aparentemente natural à visão androcêntrica da divisão de trabalho sexual e da divisão sexual do trabalho (...)" (BOURDIEU, 1999, p. 33), respaldado pela crença de que

é a particularidade do aparelho reprodutivo da mulher, que funciona em seu esquema explicativo como suporte para posturas de consagração da função materna, identificada como representante legítima e incontestável da feminilidade e fonte de realização inigualável" (SANTOS, et al, 1996, pp. 01 - 02).

Para Badinter (apud FORNA, 1999, p.40), "o amor materno nasce da relação mãe-filho e é uma expressão do livre-arbítrio. O imenso amor que a maioria das mulheres sente pelos filhos é alimentado e apoiado pelos valores sociais e ambientais que existem hoje".

Baixa escolarização, desconhecimento de como funciona o corpo humano, o papel materno e as especificidades psicossociais terminam por refletir em uma sexualidade ativa, mas escondida que só aparece quando a menina fica grávida, através da barriga, como no caso da

Adolescente M. de 16 anos, aluna de um colégio de freiras na zona Sul do Rio de Janeiro. O assunto, visto como tabu, foi considerado uma grande tragédia. A família foi chamada para receber a sugestão de tirar a menina da escola, M. optou por ficar, mas descobriu que o preconceito e o machismo já estavam enraizados na educação rigorosa e religiosa da escola. Suas amigas discretamente afastaram-se e os meninos tiveram a confirmação de que ela transava e passaram a assediá-la (ROCHA, pp. 42 - 43).

O quadro, no Brasil e no mundo, espelha como é grande ainda o preconceito e a distância em torno da sexualidade no ocidente, terminando por se refletirem essas distorções que, em vez de somar, afastam e provocam mal-estar para os/as adolescentes. E para o filho deles(as) que, indiretamente, receberá toda uma carga emocional negativa da mãe e do pai que encontram dificuldades em elaborar a maternidade e paternidade na adolescência.

Esse fato aparece também junto às adolescentes que participaram da pesquisa em Caruaru (MENEZES, 2002). Em sua maioria, o ato sexual acontecia esporadicamente e sem um planejamento adequado, estando o casal desprovido da camisinha e de qualquer outro método contraceptivo.

Assim, a gravidez na adolescência termina promovendo uma maior exclusão, visto que as jovens, na maioria das vezes das classes populares, já se encontram desprovidas de condições básicas de vida e fora da escola; ou, em outros casos, promove o afastamento das mesmas, o que termina por implicar uma baixa escolarização, resultando na desqualificação e na exclusão do processo de trabalho; restam, assim, poucas opções e, em geral, na área informal de trabalho.

METODOLOGIA

O presente trabalho de extensão foi e é realizado numa proposta metodológica participativa, construtiva e social. Dessa maneira, pode-se ter uma maior compreensão sobre a Gravidez na Adolescência e como a mesma implica um processo de exclusão social, a partir do olhar do/da juventude, que expressa um sentimento e rompe, assim, com o discurso médico-científico, psicológico e técnico, e com uma visão única a partir da compreensão do ser adulto.

O trabalho será realizado através de técnicas da dinâmica de grupo, observação não participante e a utilização de do grupo focal.

O presente trabalho de intervenção se inicia por meio de duas técnicas de grupo - que trabalham com o lúdico, o que possibilita uma maior participação e integração, além de quebrar algumas resistências possíveis diante do tema em si. A primeira estabelece o contato inicial com os/as adolescentes para promover o conhecimento, ao mesmo tempo que, ao final do trabalho, será esclarecido o objetivo de estar ali e o que

se pretende atingir; na segunda (em dois momentos), será trabalhada no grupo uma outra técnica para que os/as mesmos(as) possam expressar suas visões sobre a "adolescência" e a "gravidez na adolescência". Esses encontros permitirão a compreensão de alguns elementos referentes ao tema, o que orientará o desenvolvimento do presente trabalho, complementado pelo sociodrama.

A observação não-participante ocorre desde o primeiro momento, quando do encontro como o grupo dos adolescentes integrados ao Projeto Espaço Recriar e Agente de Cidadania em dezembro de 2005 até a presente data, e ocorre durante todo o processo de desenvolvimento do trabalho, a fim de se incorporar, sempre que necessário, a percepção e o entendimento do grupo de adolescentes envolvidos, isto é, de ver o mundo através dos olhos dos próprios jovens.

Bruyn (apud HAGUETTE, 1981, p. 58) diz:

a observação representa um processo de interação entre teoria e métodos dirigidos pelo pesquisador na sua busca de conhecimento não só da 'perspectiva humana' como da própria sociedade (...) enfatiza a necessidade de se reconhecer em primeira instância o caráter peculiar dos seres humanos, seu comportamento e sua vida em grupo.

E, por último, temos o grupo focal. Esta técnica foi e é desenvolvida pelo fato de proporcionar sessões de grupo

como um dos focos facilitadores da expressão de características psicossociológicas e culturais, prevendo a obtenção de dados a partir de discussões cuidadosamente planejadas, nas quais os participantes podem expressar suas percepções, crenças, valores, atitudes, representações sociais sobre uma questão específica, num ambiente propício e não ameaçador, permitindo ao pesquisador, neste contato, o conhecimento do ponto de vista dos mesmos" (WESTPHAL, et al. , 1996, p.473).

A importância do grupo focal está em promover um

conhecimento prévio dos problemas segundo o ponto de vista da população (...) e pela flexibilidade. Em vez de seguir um roteiro rígido de questões (...) o moderador tem a liberdade para modificar a ordem das questões (...) e possibilita ainda a emergência de conflitos (...)" (id., pp. 478 – 79).

O processo em si tem a preocupação de tentar captar as informações não-verbais, possibilitando ao mesmo tempo pensar coletivamente um tema de relevância social, na opinião do próprio grupo envolvido.

Através desses procedimentos será observada a possibilidade de inter-relação do grupo, na medida em que a juventude se posiciona sobre o tema adolescência, gravidez e exclusão. Na medida em que cada um se coloca, outro aprofunda e traz à tona outras reflexões, complementando as informações dadas. Permite a livre expressão dos sujeitos através da apropriação de seu discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades desenvolvidas buscavam e buscam viabilizar uma ação em torno da educação sexual, de forma dinâmica e participativa; promover uma ação por parte dos participantes como protagonistas de suas questões, fazendo com que eles interagissem uns com os outros, falando sobre o cotidiano que envolve a questão da sexualidade.

Para tanto, faz-se necessário o enfoque tanto biológico, quanto psicológico, social, cultural, político, ideológico e educacional, viabilizando no ser humano a paixão, o afeto, o desejo, a vontade, o amor e o prazer, para que a mulher e o homem sejam sujeitos construtores dos seus valores, idéias, ternura e afeto.

Por outro lado, a maior dificuldade é a permanência dos participantes ao longo do projeto no grupo do Projeto Recriar. Este afastamento pode ocorrer em virtude de uma possível resistência em refletir e debater assuntos que permeiam o campo da sexualidade, afinal as idéias propostas podem ser bastante diferentes das que já são concebidas por eles como certas ou erradas. Para isto, procuramos conhecer a realidade daqueles que participam do projeto, abordando o tema da maneira mais próxima possível do cotidiano dos mesmos, com tempo e bastante cautela para efetivarmos de forma satisfatória as atividades, dando andamento ao projeto.

Porém, podemos concluir que tem sido bastante satisfatório o resultado do projeto. Ao longo do tempo, a participação vai crescendo, os participantes interagem de maneira mais efetiva, e muitas vezes relatam o quanto à experiência de participar está sendo importante. Muitas dúvidas são tiradas, fazendo com que os/as participantes procurem modificar atitudes errôneas que praticavam, visto que um dos objetivos do projeto é orientá-los(as) e promover a participação crítica e criativa, para uma vivência mais sadia da sua própria sexualidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Saúde. **A Adolescente Grávida e os Serviços de Saúde no Município**. Brasília, s.d. Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/>>. Acesso em: 08 jun. 1998.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- FORNA, A. **Mãe de Todos os Tipos**. Como a sociedade modela e reprime as mães. Rio de Janeiro: Eudioro, 1999.
- FREUD, S. **Obras Completas**. Biblioteca Nueva: Madri, 1973.
- HAGUETE, T. O Objeto das Metodologias Qualitativas. In: _____. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- MENEZES, W. **A Barriga Cresceu... Adeus Meninas!** - Exclusão social: do real ao simbólico na gravidez adolescente. João Pessoa/PB: Idéia, 2002.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Gravidez na Adolescência no Mundo**. São Paulo, Projeto Aprendiz, 1999. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/aprendiz/>>. Acesso em: 21 dez. 1999.
- ROCHA, A. Erotização do dia a dia eleva o número de adolescentes grávidas. **Cadernos Brasil Comportamento**, n.º 205, Rio de Janeiro, 1998.
- SANTOS, F. Identidade. In: TAP, P. **Relações Interpessoais e Gênese da Identidade**. Homo XVIII – XIX, Fac. 2, Toulouse, 1979. pp. 6 – 43.
- SANTOS, F. **A Construção da Representação Social**. Recife, 1996. (digit.).
- WESTPHAL, M. et al. **Grupos Focais: experiências precursoras do uso da técnica em programas educativos em saúde no Brasil**. São Paulo, 1995. (digit)
- WONG, Laura L. R. e MELO, A. **Gravidez na Adolescência**. São Paulo: Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – SEADE, 1987.